



Serena Valentino

*Para
Sempre
Nunca*

A história do Capitão Gancho

UNIVERSO DOS LIVROS

*Para
Sempre
Nunca*

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 - 8º andar - Conj. 803
CEP 01141-030 - Barra Funda - São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Serena Valentino

*Para
Sempre
Nunca*

A história do Capitão Gancho

São Paulo
2022

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Never Never

Copyright © 2022 Disney Enterprises, Inc. All rights reserved.
Published by Disney • Hyperion, an imprint of Disney Book Group.

© 2022 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora,
poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer
outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Gerente editorial: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

Tradução: Jacqueline Valpassos

Preparação: Aline Graça

Revisão: Bia Bernardi e Nathalia Ferrarezi

Arte: Renato Klisman

Ilustração da capa: Jeffrey Thomas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

V252p Valentino, Serena

Para sempre nunca : a história do Capitão Gancho / Serena
Valentino ; tradução de Jacqueline Valpassos. — São Paulo :
Universo dos Livros, 2022.
208 p. (Coleção Vilões da Disney, vol. 9)

e-ISBN 978-65-5609-292-8

Título original: *Never never*

1. Ficção infantojuvenil norte-americana I. Título II. Valpassos, Jacqueline
III. Série

22-4671

CDD 813.6

*Dedicado aos meus adoráveis leitores, por seu amor inabalável,
apoio e entusiasmo por esta série. Eu amo e aprecio vocês mais do que
podem imaginar. Obrigada.*

PRÓLOGO

DO LIVRO DOS CONTOS DE FADAS

CAPITÃO JAMES GANCHO

O Capitão James Gancho gostaria que achassem que ele é o homem mais corajoso que já içou uma bandeira pirata. Entretanto, sabemos a verdade. Lemos o coração volúvel dos homens de maneira nítida e escrevemos suas histórias. Somos as Irmãs Esquisitas: bruxas poderosas, criadoras de destinos e as autoras deste Livro dos Contos de Fadas. Se estiver lendo nossas histórias na ordem que predeterminamos, então, você se lembrará de que estamos no Lugar Intermediário – o lugar entre a terra dos vivos e a terra além do véu. Embora muito tempo tenha se passado desde que nossa filha Circe se sacrificou para salvar os Muitos Reinos, ainda nos encontramos presas neste lugar, com apenas um de nossos espelhos mágicos para nos mostrar o que está acontecendo no mundo exterior. Não que precisemos – essas histórias estão gravadas em nossas almas, pois as escrevemos e encontramos maneiras de fazer nossa influência ser sentida nos Muitos Reinos e nos reinos exteriores. Mas chega de falarmos de nós, por enquanto. Esta é a história do Capitão James Gancho.

James nem sempre foi o homem que é hoje, constantemente frustrado pelos Garotos Perdidos, ludibriado pelo travesso líder deles, Peter Pan, ou acometido por um medo profundo e duradouro de um crocodilo ameaçador com um relógio tiquetaqueando na barriga. Por mais difícil que seja entender, houve um tempo em que James era uma alma muito corajosa e um dos piratas mais temidos e respeitados a navegar pelos Sete Mares. Essas

histórias, no entanto, foram eclipsadas por suas desventuras na Terra do Nunca, por sua reputação de ser um “adulto” covarde. Nossa história se concentra no que aconteceu antes de James chegar à Terra do Nunca, porque você já sabe o que acontece quando ele chegou lá. As aventuras de Peter Pan e seu inimigo Capitão Gancho são bastante conhecidas, mas o que você não sabe é como James se tornou o Capitão Gancho e como chegou a esse nome.

James não nasceu para a vida de pirata. Ele cresceu em Londres, um reino não mágico bastante mundano, filho de nobres, bem antes do tempo de Lady Tremaine e Cruella De Vil, mas teve uma criação não muito diferente da delas. Você notará que as três últimas entradas neste Livro dos Contos de Fadas voltaram no tempo em vez de avançar, mas, como você logo aprenderá, o tempo não significa nada nos reinos mágicos, e muito menos para aqueles que governam as terras onde a magia é tão densa quanto a Floresta dos Mortos nos Muitos Reinos.

Como acontece com a maioria das crianças em famílias aristocráticas, os cuidados diários de James foram deixados a cargo de uma governanta, uma babá que atendia a todas as necessidades da criança. Em um de seus passeios diários no parque, a babá de James desviou a atenção de sua responsabilidade e, quando voltou, descobriu que o menino havia desaparecido do carrinho de bebê (ou bercinho de passeio, dependendo do lugar no mundo em que você está lendo isso).

Como é possível imaginar, o desaparecimento de James causou pânico nos corações de sua família. O pequeno James estava desaparecido há seis dias. Para os pais, foram seis dias angustiantes. Entretanto, de acordo com todos os relatos, foram os seis dias mais gloriosos de toda a vida de James, e assim permanecem até hoje.

Em todo o nosso tempo narrando contos de fadas neste livro, uma das coisas mais deliciosas que aprendemos sobre Londres é que, para um reino não mágico, muitas vezes a cidade é tocada pela magia de outros mundos. Por exemplo, quando um menino cai do carrinho em Londres, ele é transportado para um lugar chamado Terra do Nunca. Se ele não for requerido pelos pais dentro de sete dias, é lá que ficará e, a partir de então, será conhecido como Garoto Perdido.

Faz sentido para nós, pois quem mais seria o cuidador de meninos? Certamente não as altas fadas das Terras das Fadas, cujas atenções são quase dedicadas por completo às meninas (todas, menos a Fada Azul, mas

ela é a exceção em mais aspectos do que este), e nós, bruxas, não temos tempo para coisas como crianças remelentas. Supomos que seja por isso que o Conselho das Fadas enviou uma de suas fadas rebeldes, uma fada artesã chamada Sininho, para cuidar dos meninos na Terra do Nunca. Matando dois coelhos com uma cajadada só, como dizem: o Conselho das Fadas conseguiu alguém para cuidar dos pequenos encenqueiros relutantes em crescer e se livrou de uma fada que a Fada Madrinha e as Três Fadas Boas não aprovavam. Isso não é incomum nas Terras das Fadas, como você já pode ter lido em algum lugar ou lerá neste volume, caso decida explorá-lo. Contudo, não vamos perder mais tempo com gente como a Fada Madrinha e sua laia aqui. Em vez disso, vamos nos concentrar em James e na sua procura à Terra do Nunca.

Para nós, a Terra do Nunca era um lugar insignificante, cheio de garotos mal-humorados e imprudentes determinados a jamais crescer – e de algum modo nunca crescem. Essa parecia ser a extensão da magia por lá até onde sabíamos, além do pó mágico de fada de Sininho, por isso, não nos incomodou termos sido proibidas pelo Conselho das Fadas de viajar para lá. Contudo, quando James começou a chamar nossa atenção, nosso olhar se desviou para a segunda estrela à direita e continuou até de manhã.

Como você pode imaginar, um lugar como a Terra do Nunca atraía o jovem James.

Quando ele caiu do carrinho em Londres, passou seis dias na Terra do Nunca. Era um lugar de grandes aventuras, onde ele corria vestido em peles de animais e fazia todo tipo de idiotices com os Garotos Perdidos. Era muito mais atraente do que sua vida em Londres com a babá antiquada. Ele teria ficado por lá feliz pelo resto da vida, mas, infelizmente, no sexto dia, seus pais o encontraram e o levaram para casa. Se ele tivesse permanecido desaparecido apenas mais um dia, a Terra do Nunca o teria reivindicado, e ele teria permanecido um Garoto Perdido para sempre. Mas seu destino era crescer.

James nunca superou ter deixado a Terra do Nunca. Lampejos da vida e das aventuras que ele poderia experimentar permaneceram com ele, assombrando-o a ponto de deixá-lo obcecado depois de adulto. Retornar àquele lugar se tornou a missão de sua vida, e ele nunca desistiu de tal busca.

À medida que crescia, James se dedicou a aprender tudo o que pudesse sobre a Terra do Nunca e a descobrir como encontrá-la de novo, mas os

segredos dela estavam sempre fora de alcance. Ele não encontrou nada além de rumores que pareciam histórias infantis, narrando as aventuras de Peter Pan – aventuras que James achava que deveriam ter sido suas e que haviam lhe sido roubadas injustamente quando foi encontrado e levado para casa. E, já prestes a perder a esperança de reencontrar a Terra do Nunca, como num passe de mágica, James encontrou histórias de piratas nas prateleiras da biblioteca de seu pai. Ele ficou intrigado com aqueles piratas malvados que, pelo que se dizia, navegavam para terras misteriosas e mágicas. Ele se viu apaixonado pelas histórias de homens e mulheres corajosos que singravam o alto-mar em busca de tesouros e aventuras, em seu mundo e além.

Claro que isso não serviria para os pais de James, que o criaram para ser um jovem cavalheiro respeitável. Ele foi enviado para as melhores escolas, primeiro Eton e depois Balliol College, Oxford e, após a formatura, esperava-se que encontrasse uma jovem rica para se casar. Como tantas famílias com títulos de nobreza, os pais de James estavam sobrecarregados com as despesas de uma grande propriedade e dos campos, mas sem dinheiro para isso. Claro que eles não se rebaixariam a trabalhar, então, a única opção era encontrar uma donzela abastada para salvar a propriedade da família. Mas James tinha outros planos em mente. Ele iria se tornar um pirata.

James leu todos os livros que conseguiu sobre piratas e navios, e se empenhou em ser capaz de impressionar o mais experiente dos piratas com seu amplo conhecimento de cartografia, navegação, aparelhamento de embarcações, artilharia e ordem de ascensão nas fileiras, e é claro que ele se familiarizou com seus modos trapaceiros e malvados por meio dos relatos de suas façanhas e aventuras. O tempo passado no Eton e no Balliol College provou ser útil para a pesquisa. Ele havia lido tudo na biblioteca do pai quando era jovem e estava feliz por ter um mundo de livros totalmente novo à sua disposição nas vastas e ricas bibliotecas enquanto estava na escola. Mas havia algo mais que a educação e a leitura obsessiva fizeram por James, mas não esperado: tornaram-no um excelente contador de histórias, e ele descobriu que podia falar com autoridade sobre quase qualquer assunto, pois era capaz de fundamentar as opiniões com os fatos, de que se lembrava com facilidade, dos inúmeros livros que havia devorado ao longo dos anos. Em outras palavras, ele era um bom conversador, o que era uma de suas maiores fontes de orgulho. Quanto mais James lia sobre piratas, mais ele se convencia de que, se havia alguém que poderia ajudá-lo a

encontrar a Terra do Nunca, esse alguém seria um pirata. Ele não conseguia pensar em ninguém que tivesse visto mais do mundo ou conhecido pessoas mais interessantes. O que James não esperava é que as aventuras o levassem aos Muitos Reinos, um lugar verdadeiramente mágico, como nenhum outro. Mas estamos colocando a carroça na frente dos bois.

A verdadeira aventura de James começou na noite de sua formatura no Balliol College. A família dele não deveria ter se surpreendido quando o mordomo lhes trouxe a carta de despedida que James havia lhes deixado no quarto, perto de uma pilha de livros sobre piratas, naquela noite, mas ficaram chocados e horrorizados. Quem não ficou surpreso, no entanto, foi o mordomo, porque era quem conhecia de verdade o coração de James desde a infância.

Quando o pai de James leu a carta em voz alta, a mãe quase desmaiou e, então, de maneira muito aristocrática, ela se retirou aos próprios aposentos, onde permaneceu por várias semanas, com o coração partido por seu único filho poder trazer tanta vergonha para a família.

Queridos mamãe e papai,

Hoje embarco na minha verdadeira vocação. Quando vocês lerem isso, espero estar no caminho certo para atingir meu sonho, testando minha coragem contra mares traiçoeiros e inimigos ainda mais perigosos, conforme procuro a sempre elusiva Terra do Nunca, o lugar ao qual sinto que realmente pertencço. Travo uma batalha dentro do meu coração que me impede de me ressentir por vocês terem me reivindicado antes que eu me tornasse um Garoto Perdido. Lembro a mim mesmo que vocês só fizeram isso por me amar, mas não consigo me forçar a viver a vida que planejaram. Por favor, saibam que não os abandonei e não me esquivo de meus deveres para com nossa família. Encontrei um modo de viver da maneira que quero enquanto cumpro meus deveres para com vocês. Vou ser um pirata. Tenham certeza de que lhes enviarei minha pilhagem conforme vasculho os mares em minha busca para encontrar a Terra do Nunca.

Sinceramente, James

CAPÍTULO I

O SAPO CASCUDO

James não poderia ter parecido mais deslocado quando entrou no Sapo Cascudo, uma taverna infame na pior parte de Londres, que os piratas costumavam frequentar. Era um lugar decadente, com pisos e mesas de madeira suja e manchada de óleo, mal iluminado e cheio dos homens mais rudes que James já tinha visto. Toda a sua leitura não poderia tê-lo preparado para o tipo de homens que ele encontrou naquela noite. No entanto, preparou-o para se vestir e falar do modo adequado na companhia de piratas, e ele estava bastante satisfeito por ter se dado ao trabalho de se trajar corretamente e aprender os jargões. Congratulava-se por ter tido tempo de pesquisar a libré correta para servir em um navio pirata e fez questão de adquiri-la em uma pequena loja na Eaton Square que tinha diversos itens intrigantes, com histórias interessantes, incluindo o arrojado casaco negro de pirata que usava naquela noite. Todos os homens reunidos tinham uma aparência bastante rude, com roupas gastas pelo uso e pela batalha. James sentiu que se destacava em sua libré novinha em folha e, embora tenha feito um grande esforço para não escolher o mais chique dos casacos que viu na loja, ainda assim parecia muito mais bem-vestido do que os outros homens lá. Havia uma dupla de piratas, em particular, que parecia mais experiente e mais desagradável do que o restante, e se mostrara interessada por James quando ele adentrou o Sapo Cascudo – um pirata barbudo, de cabelos escuros, e um malandro ruivo com um ferimento feio e recente no rosto. James não deixou seu olhar se demorar muito nos homens de aparência malvada, por medo de ofendê-los. Em vez disso, concentrou-o à frente. Respirou fundo quando foi recebido por risos zombeteiros ao

passar pelos piratas, provavelmente devido à camisa de pirata branca imaculada e recém-adquirida, ao casaco cinturado preto e longo, com botões prateados reluzentes, e às botas de pirata lustrosas, igualmente pretas, que comprara no início daquela semana.

James se lembrou de novo da lojinha na Eaton Square com tantas curiosidades que despertaram seu interesse, mas ele fora lá a fim de adquirir uma roupa de pirata adequada e ficou bastante satisfeito com a aquisição. Quase comprara uma sobrecasaca vermelha com cinto e debrum dourado, mas resistiu a experimentá-la porque sabia que, caso a vestisse, acabaria comprando-a, e soube, no momento em que a viu, que era algo digno de um capitão. Talvez um dia, quando tivesse subido na hierarquia e se tornado capitão, ele voltasse para buscá-la, mas, por enquanto, dissera a si mesmo que estava satisfeito com sua roupa. Na verdade, estava orgulhoso dela até que todos os piratas do Sapo Cascudo o observaram como se ele fosse um intruso ou um tipo de impostor. *Não importa*, pensou. Talvez apenas estivessem com inveja por ele ter se vestido tão bem.

James se sentou em um canto escuro, colocando a pequena mochila com os pertences a seu lado no banco de madeira, e tirou dela um livro para ler. Ele hesitou antes apoiá-lo na mesa, vendo, mesmo à luz fraca das velas, que a madeira estava engordurada. Pegou o lenço e o colocou sobre a superfície para que a sujeira não manchasse o amado livro. Assim que o abriu, uma mulher mais velha, com longos cabelos grisalhos em desalinho, aproximou-se. Usava um vestido azul apertado com um corpete verde muito sujo e manchado por falta de avental.

– O que vai ser, magnata? – indagou ela com voz rascante, e James se perguntou se ela seria a razão do nome do estabelecimento, porque a mulher lhe parecia e soava como um sapo cascudo.

– O que você recomenda? – perguntou ele, fazendo com que a risada rouca da velha enchesse o salão.

– Você é um fofo, não é, querido? Tem certeza de que está no lugar certo? – A mulher quis saber, parecendo bastante divertida, relanceando a vista para os piratas do outro lado da espelunca, que riam e olhavam na direção de James.

– Tenho certeza – respondeu ele com um sorriso atrevido, esperando que os piratas o ouvissem.

– Gente como esses homens não gosta de ser ridicularizada, especialmente por quem se acha melhor do que os outros – retrucou ela,

inclinando-se muito perto e deixando James desconfortável. Ele tentou se afastar, quase caindo do banco, o que fez a mulher de cabelos desgrenhados e os piratas rirem outra vez. O som das risadas roucas e ásperas o arrepiou, mas ele se aprumou e falou com autoridade:

– Garanto-lhe, boa mulher, que não estou fazendo tal coisa. – Ele se endireitou no banco novamente. – Sou como qualquer outro homem aqui – acrescentou, afofando os punhos da camisa, vendo que não tinha feito nada para convencer a velha de que seu lugar era ali.

– Está bem, querido. Não diga que não avisei. O que posso lhe servir, então? – perguntou ela, balançando a cabeça. Dava para James perceber o modo como a mulher o achava deslocado, o que o fez se preocupar que os outros piratas na taverna talvez pensassem o mesmo.

Havia várias mesas pequenas espalhadas ao redor do lugar e uma grande no meio, em torno da qual a maior parte da clientela se sentava. Era um grupo bastante heterogêneo de piratas, e enquanto muitos riam e trocavam histórias, alguns fitavam James de modo ameaçador. Um entre eles, o pirata ruivo com o grande talho no rosto, parecia particularmente interessado em James, que se esforçou para não dar ao homem mais do que outro olhar passageiro e focou a atenção na mulher que resmungava para ele.

– Traga-me a especialidade da casa e uma rodada de bebidas para todos aqui – disse James, erguendo a voz para que os clientes pudessem ouvi-lo, o que lhe rendeu pouco mais do que algumas sobrelhas levantadas e olhares dos piratas sentados a uma mesa grande do outro lado do salão.

– Claro, magnata – afirmou ela, ao se afastar murmurando algo baixinho, que James não conseguiu entender por causa da voz rouca e do riso vindo do grupo turbulento de piratas.

James sentiu, pesando todas as coisas, que tinha começado bem. Arranjara uma roupa de pirata adequada, encontrara o lugar em que eles se reuniam entre as campanhas e, agora, tudo que tinha de fazer era conseguir uma vaga em um dos navios. As coisas ocorriam conforme havia planejado, e ele se sentia bastante satisfeito consigo mesmo.

Nesse momento, alguém irrompeu pelas portas duplas de madeira do estabelecimento, repetindo o nome de James aos gritos. Todos os olhos se voltaram para o homenzinho atarracado com cabelos grisalhos no uniforme de mordomo.

– Senhor James, senhor James, você está aqui? – chamou o homenzinho gorducho ao analisar ao redor freneticamente.

James estava mortificado. Foi tomado por desânimo quando toda a taverna ficou em silêncio, fazendo-o afundar na cadeira, percebendo que todos o olhavam agora. Não era assim que esperava que os eventos acontecessem. Ele pretendia iniciar uma conversa com alguns dos homens quando a criada lhes trouxesse as bebidas. Estava tudo dando errado.

– Senhor James, do que você está brincando? – perguntou o homenzinho, o rosto agora vermelho e a testa molhada de suor. – Por que cargas d’água, entre todos os lugares, você está aqui? – Sim, *senhor James*, do que você está brincando? – perguntou um dos piratas da grande mesa redonda. Aquele não parecia o tipo de homem que James queria ofender, por isso, ele não respondeu. Estava começando a se arrepender de ter ido lá.

– Então, o senhor decidiu que queria brincar de pirata? – provocou outro, rindo e batendo nas costas de um dos companheiros, fazendo-o derramar sua bebida enquanto tomava um gole.

– Parece que ele está confundindo isso com uma festa à fantasia! – outro homem na mesa se juntou.

James estava humilhado. Não esperava que sua aventura começasse assim nem era essa a impressão que queria causar; tudo dera terrivelmente errado, e ele não sabia como consertar. Por sorte, a velha rouca chegou com uma bandeja de bebidas bem a tempo. Ela colocou a bandeja na mesa, na frente dos piratas, e disse:

– Cortesia do senhor James. – Todos os piratas ergueram as canecas, batendo-as umas contra as outras.

– Ao temível pirata senhor James! – zombaram eles.

James podia sentir o rosto ficando quente. Aqueles homens estavam rindo dele, mas ele supôs que era melhor do que ser expulso antes mesmo de a aventura começar.

– Um brinde a vocês, cavalheiros! – exclamou, erguendo a própria caneca e, então, pousou-a rudemente sobre a mesa, direcionando um olhar para o mordomo. – Sente-se, sr. Smee, você já chamou muita atenção para mim – disse ele, revirando os olhos. – O que está fazendo aqui? – Ele lançou um olhar para a grande mesa a fim de ver se os piratas ainda prestavam atenção nele.

O sr. Smee caçoou.

– O que estou fazendo aqui? O que *você* está fazendo aqui, senhor? Sua mãe está fora de si de tristeza e preocupação. É como se ela tivesse sido transportada no tempo para quando você era pequeno e ficou perdido por

aqueles seis dias. – James podia ver que o homem estava realmente preocupado, mas duvidava que os pais se importassem com algo mais do que o escândalo que traria para a família se algum dia descobrissem que ele havia se tornado um pirata.

– E suponho que mandaram você para me procurar? E ainda perco meu tempo perguntando; é claro que foi isso. Eles não poderiam se dar ao luxo de arriscar o bom nome da família. O que os amigos deles pensariam se soubessem? – James riu com tristeza. Smee não respondeu; apenas o fitou com uma expressão muito familiar, a mesma com que o olhava desde que James era criança. Um misto de pena e preocupação. – O que papai disse quando leu a carta? – James perguntou com um olhar endiabrado. – Não, espere, deixe-me adivinhar, algo como: “Um pirata? Que sandice é essa?”. Estou certo? – James riu com vontade, mas Smee não achou graça.

– Se não se importa que eu pergunte, senhor, como pretende se tornar um pirata, afinal? Suponho que você esteja simplesmente sentado aqui esperando para ser xingado ou seja lá como se chame? – perguntou Smee, cenho franzido acima de seu rosto vermelho. O pobre homem suava como se tivesse corrido todo o caminho até lá.

– Chama-se *shanghaied*,¹ Smee – explicou James baixinho, esperando que os piratas na grande mesa perdessem o interesse se não pudessem mais ouvir a conversa. – Smee, meu bom homem, por que acabou nesse estado? – perguntou, mudando de assunto.

– Procurando por você, senhor James. Corri por toda Londres procurando por você – disse ele, enxugando o suor da testa.

– É a cara dos meus pais mandarem você para a escuridão da noite, a pé. Eles poderiam pelo menos ter providenciado uma carruagem – falou James, balançando a cabeça. Mas o foco de Smee ainda estava no rapaz.

– Então, qual é o plano, ser xingado? – perguntou Smee em voz alta, fazendo o grande grupo de piratas rir.

– Claro que não; não seja ridículo – James respondeu, não desejando outra coisa no momento senão a habilidade de desaparecer. Ele odiava que a teatralidade de Smee estivesse atraindo o tipo errado de atenção justo dos homens que ele queria impressionar. O jovem tinha repassado a referida noite em sua mente tantas vezes ao longo dos anos, e aquilo não era o que havia imaginado. Nem havia começado a jornada e já era um fracasso.

O pirata ruivo do outro lado do salão prestava atenção especial à sua conversa com Smee, fazendo gestos zombeteiros e caretas desde que James

chegara.

– O Lorde Calção Rendado aqui quer ser um pirata! – zombou o homem, falando de maneira afetada como se fosse um grande senhor, e não um pirata desgastado pela batalha. Ele tinha uma longa barba ruiva e olhos pequenos, redondos e intensos, e o corte que atravessava seu rosto dava a impressão de que alguém tentara cortá-lo ao meio. – Boa sorte para encontrar um capitão que permita gente como você no próprio navio. Eu não deixaria o filho de um almofadinha como você limpar meu convés! – afirmou o homem, fazendo os outros em sua mesa rirem tanto que alguns cuspiram as bebidas.

James fora criado do mesmo modo que outros de sua posição, para nunca demonstrar emoção e sempre manter a calma, não importasse a situação. Mas aquele pirata feriu o seu ego e ele foi invadido por uma onda de raiva e orgulho que não esperava. Porque ele sabia que era um pirata melhor do que qualquer um daqueles homens. Mesmo que nunca tivesse colocado isso em prática, ele era um homem que sabia o que estava fazendo.

– De fato não deixaria, bom senhor! – afirmou James, levantando-se e ajustando as lapelas de seu casaco para pontuar suas palavras. – Um velho lobo do mar como você tem mais bom senso do que isso, porque eu não sou um marujo, senhor! – James elevou o tom de voz e ficou de pé para encarar os piratas, mas eles riram ainda mais.

Ele podia sentir Smee puxando a manga de seu casaco, tentando fazê-lo sentar-se, porém, James se sentia corajoso e não iria deixar nada se interpor no seu caminho para encontrar a Terra do Nunca. Lera tudo o que havia para saber sobre pirataria e não iria deixar que aqueles velhos marinheiros o intimidassem. Ele tinha sonhado com aquilo a vida toda. Era a sua chance; não iria desperdiçá-la. Precisava mostrar àqueles homens do que era feito e agir de acordo com o que fazia de melhor.

Falar.

– Quero que você saiba que sou um mestre em cartografia e tenho amplo e íntimo conhecimento da construção e do armamento de navios! – explicou James, sem recuar, embora agora estivesse cara a cara com o pirata ruivo, que havia se aproximado da mesa de James. Após uma inspeção mais próxima, pôde ver que o rosto do homem ainda estava se curando do enorme ferimento, que cheirava mal e do qual escorria pus, quando ele se inclinou para falar com James. Era como se seu rosto fosse composto de

duas entidades separadas tentando se fundir, e James sentiu repulsa quando o velho marinheiro se aproximou.

– Você sabe do que esse idiota está falando? Ele está falando bobagem – disse o pirata, levantando a voz para que os outros pudessem ouvi-lo, embora pronunciasse as palavras na direção da cara de James.

Mas James não deixou o rude homem intimidá-lo. Manteve--se apumado e continuou falando.

– Desculpe-me por discordar. Sou formado no Balliol College e não estou falando bobagem, senhor, e asseguro-lhe que sei exatamente o que estou fazendo – afirmou James, mantendo-se firme e recusando-se a afastar-se do mau hálito do pirata ruivo.

– Balliol College, você diz? Pois é, isso faz toda a diferença do mundo! O que todo navio precisa é de um professor – zombou outro pirata com uma longa barba castanha que parecia ter a textura de galhos secos recobertos de musgo. Os demais piratas riram enquanto se levantavam e se dirigiam à mesa de James. Smee parecia nervoso, mas James continuou argumentando.

– Li todos os livros que existem sobre piratas e seus navios, e garanto a você: eu seria um trunfo para qualquer tripulação – disse James, mantendo a cabeça erguida e explodindo de orgulho, fazendo todos os piratas rirem ainda mais alto.

– Concordo! – falou uma voz grave e profunda de um canto escuro da taverna, cujo som fez todos os homens pararem de rir e os piratas ruivos e barbudos se afastarem de James e do homem misterioso, com medo.

– Sim, talvez você esteja certo, senhor – disse o pirata ruivo, cutucando o amigo. James podia ver que os outros piratas no salão tinham medo daquele homem, tanto que o mero som da voz os mandou rapidamente de volta às suas mesas.

– Estou procurando um contramestre e poderia aproveitar alguém instruído como você. – O homem com a voz grave e profunda emergiu das sombras. Enquanto ele atravessava o salão até James, os outros piratas se remexeram de maneira desconfortável e voltaram a se sentar em seus lugares. Ele era um homem alto e forte, vestido inteiramente de preto, com longos cabelos negros e barba. Seu rosto era puído, extremamente enrugado, e os olhos escuros e intensos. James soube de imediato quem era aquele homem, embora as ilustrações nos jornais não lhe fizessem justiça.

– É uma honra conhecê-lo, Capitão Barba Negra. Eu sou James – apresentou-se, estendendo a mão.

Barba Negra riu. Foi uma risada gostosa e alegre que lhe iluminou o rosto de um modo que James não esperava.

– James? Esse é um péssimo nome para um pirata – disse ele. – Então me diga, James, por que quer ser um pirata? – Ele se sentou ao lado de Smee, empurrando o pobre homem de qualquer jeito contra a parede, e James logo o seguiu.

– Quero encontrar a Terra do Nunca – respondeu James, desejando no mesmo instante que não tivesse dito aquilo. A última coisa que queria era parecer tolo. Era seu sonho servir com alguém como Barba Negra, e ele mal podia acreditar em sua sorte de encontrá-lo ali. Não queria estragar tudo com a conversa sobre contos de fadas. Barba Negra era um dos piratas mais temidos, respeitados e ferozes sobre os quais James já havia lido. Era difícil crer que estava falando com ele, muito menos sendo considerado como um membro da tripulação dele. Não podia acreditar na própria sorte ou em quão agradável o homem era. Não era como James tinha imaginado quando leu sobre suas façanhas.

– Esse é o melhor motivo que já ouvi, e o mais honesto, aposto. Mas vamos testar seus conhecimentos e provar de uma vez por todas que você é um homem que sabe mesmo das coisas. – James percebeu um lampejo de falsidade nos olhos de Barba Negra, e ele sabia que aquilo era mais para proporcionar um espetáculo para os outros piratas no lugar, os quais permaneceram em silêncio por medo de sua ira.

– Seria uma honra, senhor. – James abriu os punhos da camisa de pirata, alisou as lapelas e se preparou para as perguntas de Barba Negra.

– Qual é o nome adequado para a caveira e os ossos cruzados que aparecem nas bandeiras de navios como o meu?

– Jolly Roger, senhor! Embora a origem do nome esteja envolta em mistério. Há muito debate sobre como esse nome surgiu. Embora eu goste de pensar que seja derivado de *Old Roger*, um antigo termo para designar o inferno.

Barba Negra sorriu com a resposta, olhando para os outros piratas, que ouviam atentos e carrancudos, mas sem se atrever a dizer uma palavra. James podia ver que a reputação de Barba Negra era bem-merecida, e apenas o mais leve olhar de desaprovação colocava todos os homens em seu lugar.

– O que significa o termo *andar na prancha*?

– Bem, senhor, embora muitos gostem de romantizar a noção de homens como vocês obrigando os inimigos a andarem na prancha, não é um verdadeiro costume pirata, é? Minha pesquisa diz que vocês prefeririam apenas matar a pessoa de imediato, submetê-la a *keelhaul* ou, então, jogá-la ao mar.

Barba Negra riu com vontade.

– Você está certo! E o que é *keelhauled*?

– Isso, senhor, é punir alguém arrastando-o na água pela quilha do navio da proa à popa. E devo acrescentar que o termo é derivado da palavra holandesa *kielhalen*.

– Certo, James, isso é o suficiente sobre *keelhauling*. Qual é a regra do código do pirata?

– Se não me engano, senhor, cada navio tem as próprias regras de conduta, a serem decididas pelo capitão e acordadas com a tripulação. Estou ansioso para ter a oportunidade de aprender as suas.

– O que é mais valioso: um mapa do tesouro ou uma carta de navegação?

– Sendo um mestre em cartografia, eu diria que uma carta de navegação, senhor, muito embora os piratas geralmente não estejam dispostos a enterrar seu tesouro nem sejam imprudentes o suficiente para fazer um mapa que levaria alguém a ele caso caísse nas mãos de um criminoso. O tesouro, em geral, é mantido a bordo e dividido entre a tripulação.

– Quem é o pirata mais aterrorizante do mundo?

– Edward Teach, senhor. O que é bastante apropriado, já que ficaria honrado em receber uma educação tão excelente de alguém como você enquanto fizer parte de sua tripulação se decidir me aceitar. – Desta vez, o medo de perturbar Barba Negra não reprimiu as risadas e as zombarias dos outros piratas.

– Todo mundo sabe que Barba Negra é o pirata mais temido do mundo! – disse o pirata ruivo, mas, antes que James pudesse corrigi-lo, um de seus companheiros deu-lhe uma cotovelada rude e disse baixinho:

– Esse é o nome do Barba Negra.

Barba Negra balançou a cabeça e riu. James podia ver que aquele gigantesco e parrudo homem estava impressionado com seu conhecimento, e talvez até gostasse dele, ou pelo menos se divertisse com ele. Fosse qual fosse o caso, ele esperava que isso lhe tivesse conquistado um lugar no navio de Barba Negra.

– Zarparemos ao amanhecer, se quiser se juntar à minha tripulação – afirmou Barba Negra. E, então, acrescentou: – E suponho que saiba o que é um contramestre, considerando todas as suas leituras, não é?

– Sim, senhor, sei! Será uma honra supervisionar seu equipamento e sua tripulação. – James não podia acreditar que estava mesmo tendo essa conversa com um pirata sobre o qual lera tanto, e justo o capitão que esperava conhecer. Era como se tivesse sido planejado dessa forma, como se já tivesse sido determinado que aquele era o caminho que ele deveria seguir, e teve a sensação de estar fazendo a coisa certa.

– Já é hora de eu ter alguém com um pingão de bom senso servindo ao meu lado. Meus homens são marinheiros e lutadores capazes, não há dúvida quanto a isso, mas não são grandes pensadores. Alguém como você poderia ser de utilidade para mim – disse ele, dando uma piscadela para James. – Ah, e James, se você trouxer esse seu mordomo, encontre algo mais apropriado para ele vestir. Tenho a impressão de que você já vai ter de aguentar muita coisa com o restante da tripulação, sem que os homens saibam do seu mordomo a bordo. – Barba Negra sorriu e balançou a cabeça.

– Sim, senhor! – exclamou James, incapaz de evitar o sorriso. Estava a um passo de realizar seu sonho e se perguntava o que o dia seguinte lhe traria.

Ser sequestrado para trabalhar como marinheiro. O termo tem sua possível origem no fato de Xangai ser um dos principais destinos dos navios que sequestravam sua tripulação. (N. T.)

CAPÍTULO II

UMA VIDA DE PIRATA PARA SMEE

Smee esperou ansiosamente que James o encontrasse no cais, a fim de embarcarem juntos no assustador navio de Barba Negra, o *Espectro Silencioso*. Era um enorme navio negro com velas pretas que ondulavam ao vento como fantasmas esvoaçantes. O aspecto mais assustador era o grande entalhe de um esqueleto, guardião do navio, que adornava a proa.

Essa era a última reviravolta que Smee esperava ter na vida quando iniciou a carreira a serviço de uma mansão senhorial há tantos anos. Ele começou como a maioria dos jovens servos, em uma enorme e impressionante propriedade, engraxando botas. Subiu na hierarquia, mostrando que era capaz, diligente, confiável e, acima de tudo, leal à família, e estava orgulhoso por ter sido promovido a criado e, eventualmente, a mordomo. Agora, juntava-se à tripulação de um pirata. Estava até vestido a caráter: James havia encontrado para ele uma camisa listrada azul e branca mal ajustada, calças curtas azuis e um gorro vermelho vistoso. Ele se sentia ridículo. E nada daquilo parecia muito real.

Conforme tentava acalmar o frio na barriga e a voz irritante em sua mente lhe dizendo o quão insensato era ao partir em uma missão tão perigosa, logo se lembrou de que estava fazendo isso para manter James protegido. Smee dificilmente poderia culpar James por querer algo mais para a vida; ele não era adequado para o que seus pais haviam lhe planejado. Os dois nunca entenderam o filho, mas, justiça seja feita, James também não parecia muito interessado nos pais.

Mesmo assim, o sr. Smee se apegou a James tal qual um pai, e fez o possível para ajudar o rapaz quando podia. Tudo com que James se

importava eram seus livros. Mas Smee tinha um carinho especial em seu coração pelo jovem. Ele sempre foi um garotinho estranho que amava ler mais do que tudo e, afora cair do carrinho com frequência quando criança, era mesmo um bom menino. Contudo, James tinha um motivo para sempre cair do carrinho, motivo que compartilhou com Smee em uma tarde chuvosa quando a babá o trouxe para casa. Ela estava encharcada de chuva e chorando.

– Não sei por que o senhor James está sempre caindo do carrinho. Juro, sr. Smee, acho que ele está fazendo isso de propósito – falou ela, parada ali com uma expressão tensa no rosto e lágrimas nos olhos. Smee tinha visto essa expressão nas babás anteriores de James, que foram muitas. Não demoraria para que esta também pedisse as contas. Não que James precisasse de uma babá àquela altura. Aos cinco anos, já estava mais do que na hora de ele ter uma governanta, deixando para trás os carrinhos de bebê.

– Pronto, pronto, não chore. Que tal eu levar o senhor James para cima enquanto você troca essas roupas molhadas? – disse Smee. A babá lhe deu um sorriso fraco enquanto subia as escadas para o quarto. As babás sempre pareciam derrotadas depois que James caía do carrinho, e quem poderia culpá-las?

Apenas nessas ocasiões, depois que James era levado para casa por sua babá, Smee podia descrever a criança como desagradável ou mal-humorada. Smee sempre presumiu que era porque cair de um carrinho de bebê havia de ser uma experiência muito desagradável. Aquela não fora a primeira vez que uma das babás de James sugeria que ele estava caindo de propósito, mas foi a primeira vez que o sr. Smee levou isso em consideração.

Uma vez que estavam no quarto de James, o sr. Smee abordou o assunto:

– Então, senhor James, a babá disse que você caiu do carrinho de propósito outra vez. Isso é verdade?

– Claro que é verdade, sr. Smee! De que outro jeito vou voltar para a Terra do Nunca?

Você poderia achar que esse é um vocabulário muito avançado para alguém tão pequeno que ainda passeasse num carrinho de bebê, e, de forma geral, concordaríamos, pelo menos para uma criança mortal; no entanto, havia uma razão lógica para isso. Os pais e os cuidadores de James foram superprotetores desde que ele desapareceu por aqueles seis dias, por isso, era empurrado em um carrinho de bebê por muito mais tempo do que o habitual, e, por tudo que se conta, James era um jovem muito talentoso e

precoce. Mesmo que ele tivesse talvez cinco anos na época, você não saberia falando com ele – juraria que era muito mais velho. Deve ter sido estranho para o jovem James ser tratado como um bebê e falarem com ele como um adulto, mas não se podia deixar de falar com James como tal por causa de sua personalidade e do grande vocabulário para alguém tão jovem.

– Que bobagem é essa, então, senhor James? Terra do Nunca, ora, ora! Que imaginação você tem! – Smee exclamou, tocando a campainha para uma criada no andar de cima.

– É verdade, Smee. Estive lá. É o lugar mais mágico que existe. Nunca me diverti tanto como ali – James falou, e Smee percebeu que a criança estava dizendo a verdade ou pensava que estava. Até onde Smee sabia, não havia nada de falso em James. Ele sempre dizia a verdade. Às vezes, era até inconveniente.

– E o que cair do carrinho tem a ver com a Terra do Nunca, posso perguntar? – questionou o mordomo ao pegar um conjunto limpo de roupas para James.

– É assim que os garotos chegam à Terra do Nunca, Smee! Eles caem de seus carrinhos e, se não forem recuperados em sete dias, ficam lá.

– E como eles são recuperados? – Smee não pôde deixar de ficar intrigado.

– As mães os recuperam, é claro, tal qual mamãe fez comigo.

– O que teria acontecido se ela nunca tivesse recuperado você ou tentado depois de sete dias?

– Ela teria continuado procurando por mim sem sucesso, pois é quando a Terra do Nunca reivindica você para sempre, no sétimo dia.

– Bem, graças a Deus a senhora o encontrou, senhor James. Não sei o que faríamos se tivesse se perdido de nós para sempre.

– Eu sei! Eu estaria brincando com meus amigos na Terra do Nunca – retrucou James.

Smee sorriu para o menino, perguntando-se de onde ele havia tirado tais ideias. Ele supôs que não faria mal para o jovem James nutrir tais fantasias. *Que mal haveria de ter?*, pensou, e é claro que não demorou muito para que James ficasse crescido demais para ser empurrado em um carrinho de bebê e tivesse de desistir da ideia de encontrar a Terra do Nunca por esse método.

Quando James não teve mais a opção de cair dos carrinhos, foi aí que começou a leitura excessiva. Mas isso também não parecia uma coisa terrível para Smee, embora parecesse incomodar os pais do menino. Eles

desejavam que James gostasse de coisas que outros jovens em seu círculo apreciavam, mas caçar raposas não o inspirava, e se sentar em salas de estar conversando educadamente também não.

Smee riu ao se lembrar daqueles dias e admirou-se por ter ficado surpreso ao se encontrar prestes a se juntar a uma tripulação pirata com o jovem patrão. Ele não podia contar quantas vezes James foi mandado para o quarto por causa da conversa obsessiva sobre piratas no jantar, não importava quão dignos fossem os convidados ou a quantas peças de pirata o sr. Smee e os outros criados assistiram enquanto James representava suas cenas prediletas de batalha usando uma longa barba preta falsa, fingindo ser seu pirata favorito. Nada distraía James de suas paixões, não importava quanto os pais ameaçassem ou como eles o punissem. Chegou um momento em que James passou a ser deixado na escola nas férias porque os pais não conseguiam imaginar ter que lidar com a conversa incessante sobre as paixões, mas Smee sabia que isso não era um castigo para James, que preferia o tempo de leitura ininterrupto em vez do cansativo desfile de convidados nobres que seus pais esperavam que ele encantasse. É claro que James poderia encantá-los se quisesse – Smee tinha certeza de que James poderia fazer qualquer coisa que desejasse –, mas o jovem patrão estava singularmente focado, e todas as suas atenções eram dedicadas por completo ao sonho de encontrar a Terra do Nunca.

Smee costumava tirar férias durante esse período e visitava em segredo James na escola, levando-lhe livros que ele sabia que James iria gostar e uma cesta cheia de guloseimas da cozinheira. Smee adorava esse tempo passado com James, quando eram apenas os dois, e podia ouvi-lo por horas falando sobre todos os assuntos que o inspiravam. Smee não tinha dúvidas de que James sabia tudo sobre ser um pirata, mas não havia como deixá-lo se aventurar no grande desconhecido sozinho, mesmo que ele fosse um jovem adulto agora. Pois, na mente de Smee, James sempre seria o garotinho que caiu do carrinho.

Smee foi tirado de suas reflexões quando o muito crescido James enfim chegou ao cais. Smee o viu virando a esquina, o som das botas do rapaz batendo na madeira e o casaco de veludo preto balançando ao vento. O mordomo achava que James parecia um pirata e tinha confiança de que ele provaria ser um membro capaz da tripulação de Barba Negra. Smee respirou fundo e ficou surpreso por estar se sentindo orgulhoso de James. Ali estava ele embarcando naquela aventura com tanta bravura, deixando

tudo o que conhecia para trás a fim de realizar seu sonho. Na verdade, Smee não poderia estar mais orgulhoso.

– Senhor James, você parece um pirata destemido – falou Smee, sorrindo.

– Isso é porque *sou* um pirata destemido, sr. Smee – respondeu James com um sorriso.

– Sem dúvida, senhor James. Parece que nós dois somos agora – observou Smee, desejando que James tivesse encontrado algo mais digno para ele vestir.

– Você não precisa vir comigo, sr. Smee – falou James. – Não é tarde demais para mudar de ideia. – Mas Smee não quis saber disso.

– Seus pais nunca me perdoariam se eu voltasse para casa sem você, senhor. E eu nunca me perdoaria se algo acontecesse e eu não estivesse lá para protegê-lo. Não, estamos nisso juntos – afirmou Smee, erguendo a cabeça.

– Vamos embarcar em nossa aventura, então, sr. Smee! Estamos prestes a navegar por mares traiçoeiros e visitar terras distantes cheias de aventura. Quem sabe o que nos espera? Inimigos perigosos, criaturas monstruosas, terras encantadas! – disse James, seu coração cheio de emoção.

– E não nos esqueçamos dos tesouros, James, grandes montes de tesouros maravilhosos! – gritou Barba Negra da popa do navio.

– Sim, senhor! Permissão para embarcar, capitão? – perguntou James à moda antiga, o que fez Barba Negra rir.

– Permissão concedida a você e a sr. Smee – disse Barba Negra com uma piscadela.

E, para sua surpresa, Smee sentiu uma terrível sensação de pavor, como se estivessem cometendo um erro drástico, e, naquele momento, ele não queria mais nada além de pegar o jovem patrão pela mão e arrastá-lo de volta para casa. De repente, parecia que era tudo muito perfeito, como se isso tivesse sido planejado há muito tempo por alguma força invisível, o que provocou um calafrio em Smee, fazendo-o se preocupar que James estivesse seguindo um caminho perigoso.

Mas ele não pôde compartilhar seus medos com James. Tudo em que conseguia pensar era no menino chorando em seu quarto porque não importava quantas vezes ele caísse do carrinho, não conseguia encontrar a Terra do Nunca de novo. Como Smee poderia ser a pessoa a ficar no caminho de seu sonho? E ele sabia, no fundo de seu coração, que nada

poderia ficar no caminho de James, nem mesmo o velho amigo sr. Smee. James encontraria a Terra do Nunca a qualquer custo, e Smee queria estar lá para ajudá-lo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Para sempre nunca: a história do Capit..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).